

Literatura infantil: uma minoria dentro da literatura

Teresa Colomer

A escritora espanhola Teresa Colomer apresentou o texto a seguir no 32º Congresso Internacional do IBBY, em Santiago de Compostela, durante a Conferência Plenária na qual foi convidada. A autora, já conhecida do leitor brasileiro por seus três livros publicados no Brasil:

Andar entre livros: a leitura literária na escola; A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual; e Ensinar a ler, ensinar a compreender, nos apresenta suas reflexões sobre os desafios da literatura infantil e juvenil traçando uma retrospectiva, organizada em oito pontos que ela denomina de debates ou espaços.



Quando os organizadores do congresso me propuseram este título, devo confessar que duvidei de que fosse capaz. Dava a impressão de que contemplar a literatura infantil como uma minoria combativa era mais uma coisa do passado que deste presente que fomos conquistando. No entanto, o congresso nos convocava a uma interessante perspectiva moderna: entender um campo de estudo sócio-cultural como uma encruzilhada de tensões entre áreas e tendências minoritárias e majoritárias. Assim sendo, parecia realmente obrigatório dar um espaço à literatura infantil contemplada em si mesma, como literatura. Pus-me,

então, a refletir sobre os desafios que um espaço de *experiência literária autêntica* para crianças coloca para as forças majoritárias de variados matizes ao longo de sua constituição*. Identifiquei oito debates principais. Uma primeira constatação surpreendente foi comprovar que compareci a todos durante minha vida profissional. De forma que, ao contrário da minha sensação inicial de “passado”, concluí que, na maioria dos casos, não é possível dar como resolvidas as tensões de uma literatura infantil de qualidade com relação a esses oito espaços, enquanto que, noutros, elas acabam de estrear.

* Neste momento, durante a Conferência do 32º Congresso Internacional do IBBY, a autora projetou a imagem de Themerson sobre Alice no País das Maravilhas, como forma de representar o que ela chama de experiência literária autêntica.



FNLIJ

DESDE 1968

Notícias

Suplemento

Reflexões sobre leitura e literatura infantil e juvenil. Fascículo nº 41

1. Quanto à literatura de tradição oral: a história de uma amizade

Como todos sabem a força do nascimento de uma literatura para crianças produziu gêmeo: uma parte do folclore tornou-se específica desse público. Não muito tempo depois, uns poucos autores escreveram para outras tantas crianças a fim de diverti-las. Com esse propósito, adotaram certo ar transgressor diante das normas e do mundo adulto. Alison Lurie nos deu um título expressivo para essa força subversiva dos clássicos infantis: *Don't Tell the Grown-Ups* (1989). Nascia uma cumplicidade de distanciamento entre o próprio entorno um alívio para a ficção e o lúdico. E onde se encontravam até então a ficção e o lúdico infantil senão no folclore? Para abrir um novo espaço, uma clareira entre os frívolos livros didáticos, os autores inevitavelmente se socorreram da irmã, a literatura de tradição oral.

Ambos os tipos de literatura mantiveram sua essência literária. Como foragidos, situaram-se fora da lei e do curral da literatura infantil denunciado por Graciela Montes (2001). Portanto, essa aliança literária não só precisou fazer esforço para nascer como também compartilhou a tensão de ser colocada sob suspeita numa maré que avança e recua com o passar do tempo. Finalmente, na década de 1970, a descrição estruturalista do folclore e a interpretação de sua relevância a partir da ótica antropológica e psicanalítica pareceram encaixar definitivamente tanto a fantasia simbólica do folclore quanto a inexistência de temas vedados a crianças na literatura infantil moderna.

Não obstante, o pulso se manteve em incertas, porém concretas indagações: Qual é o grau de violência e crueldade que se pode aceitar nos contos infantis? Quais são os estereótipos culturais que devem ser evitados ou renovados? É possível ou conveniente trair a confiança do leitor no triunfo do herói? Não preservar a esperança no desenlace das histórias? São indagações que exploram, de maneira pertinente, as fronteiras do discurso social dirigido à infância. Mas às vezes também obedecem à perplexidade dos que se aproximam pela primeira vez deste corpus a partir da ótica adulta. Sabe disso qualquer um que conheça as aulas de formação docente, com alunos horrorizados diante de detalhes cruéis do folclore ou diante de pesados temas sociais dos livros atuais; ou quem quer que assista às polêmicas pontuais nos meios de comunicação. Assim, por exemplo, no esteio de certas declarações desafortunadas ou mal-interpretadas do Instituto da Mulher, na Espanha, pelo menos dez autores de reportagens ou relatórios acadêmicos de todo tipo me interrogaram ansiosamente sobre o sexismo dos contos

populares.

Ainda que tenha jogado no mesmo time, ambos os tipos de literaturas estabelecem relações complexas entre si. Nas últimas décadas, houve avanços na tarefa de distingui-las, radiografias que modificam nossas ideias a cerca desses dois corpos constitutivos. Em primeiro lugar, os estudos folclóricos nos fizeram tomar consciência de que as produções que migraram foram uma exígua minoria que se mantém apesar da redução do público infantil no momento, e também nos contaram sobre os diferentes tipos de modificações que sofreram apenas nesse traslado. Em segundo lugar, erradicou-se a premissa básica de que o folclore se constitui na primeira etapa literária das crianças, uma vez que, desde o primeiro momento, a literatura oral co-existe com outros veículos da ficção, como os livros para não-leitores ou os audiovisuais – uma mudança de perspectiva importante para atuar na formação de leitores. Em terceiro lugar, descobrimos até que ponto a atual produção de livros infantis se afastou substancialmente das características do folclore. O que não impede que, paradoxalmente, os contos populares sejam a estrela convidada de formas artísticas muito próprias da escrita, como a intertextualidade deliberada e a vontade de se fazer uma re-interpretação dos clássicos.

Nesta batalha conjunta pela constituição de uma literatura infantil autêntica surgiram recentemente novos perigos, dos quais citaremos três: Um é a perda do folclore nas sociedades pós-industriais. Já faz tempo que o folclore se viu obrigado a refugiar-se nas escolas para ser transmitido, mas esse reduto parece ameaçado pelas novas gerações de professores que não possuem essa experiência literária como própria e que tampouco a encontram em sua parca formação docente. O segundo é que as versões audiovisuais impuseram seus vieses às velhas histórias, de forma inexorável, e isso esterilizou, em muitos casos, a potência literária da tradição. O terceiro é a banalização da literatura de tradição oral em incontáveis versões modernas que jogam despropositadamente com o imaginário coletivo e que o reformulam superficialmente sem ampliar seu eco interpretativo.

A conclusão neste campo é, pois, a de lutar para manter a força de uma aliança tão produtiva.

2. Quanto à pedagogia: a confusa luta pela independência

A literatura infantil nasceu confrontada com esses livros que “*têm todas as características da escola dominical*”, como sentenciou o protagonista d’*As Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain. Ganhar a independência quanto

à “madrasta pedagógica” se converteu num projeto profissional e quase ético para uma parte dos autores, mediadores e críticos. “A literatura contra a pedagogia” deu razão de ser a dois times adversários que, como em tantos debates educativos, extrapolaram seus argumentos até se sentirem seguros e confortáveis. Uns com suas opiniões, outros com suas práticas.

Já que os livros para crianças apareceram ligados ao ensino fundamental, a escola se converteu no principal campo de batalha entre as bandeiras contrapostas da leitura livre e da leitura escolar. Anne Marie Chartier e Jean Hébrard (1994) nos descreveram a constituição desses discursos no bojo das sociedades ocidentais ao longo do século XX. E muitos outros autores, como Bruno Bettelheim e Karen Zelan (1981), revelaram e denunciaram a artificialidade e a escassa eficácia dos livros para aprender a ler, dos livros classificados por cursos e faixas etárias, dos livros com conteúdos prévios à risca dos currículos escolares ou da ideologia defendida, ainda que anti-autoritária – livros definitivamente alheios à experiência literária. Os livros de valores transversais ou a incidência da política da correção são os últimos capítulos dessa história dos livros escritos por ditado.

Ainda assim, a realidade se mostra sempre mais complexa que os autocomplacentes discursos de denúncia. Em primeiro lugar, porque o campo literário não se divide em dois. A função moral não se circunscreve aos livros infantis. Sempre foi um dos propósitos da literatura popular, seja nas vidas de santos, nos folhetins do século XIX, nas séries televisivas ou na ficção atual de grande consumo. Podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que a verdadeira função educativa da literatura foge desses esquemas simplistas e opera a níveis muito mais sutis. Mas é uma opção de natureza artística, mais que de intenção. Por exemplo, haveria muito que dizer sobre a complexidade das relações artísticas e educativas que se encontram na base de gêneros tão nobres como o épico ou o romance histórico. Ou sobre o *continuum* entre propósitos deliberados ou não das obras que nos revelam a condição humana. Algo que permite José M^a Merino (1997) afirmar, comentando os romancistas do século XIX, que “*nossa cultura está carregada de condutas aninhadas ao longo de gerações e que têm como referência, precisamente, os modelos de comportamento desenvolvidos nas ficções literárias, que nos ensinaram, não a pensar ou sentir, mas a conhecer nossos sentimentos e nossas atitudes, a diversificá-los e a colocá-los em seus devidos lugares*”. E mesmo em sua

vertente mais declaradamente didática, tampouco parece que a literatura infantil deva prescindir de uma quantidade notável de livros que brincam e elaboram de forma artística materiais indubitáveis de aprendizagem, como a distinção das cores, os números aritméticos ou determinados temas de conduta moral.

Em segundo lugar, a relação é mais complexa porque o discurso entre leitura livre – arte e entretenimento – e leitura escolar – formação – deixou de ser dualista. Há décadas que a escola abriu as portas para um corpus não didático de livros e também faz tempo que se estabeleceu um amplo leque de atividades de leitura muito diversificadas, inter e extraescolar. Sem dúvida, há que se admitir que pela mesma porta se enfileiram novas modalidades de livros didáticos. Mas também há que se constatar que o retrocesso de juízos educativos cedeu terreno simplesmente às leis conservadoras do mercado.

Em terceiro lugar, a questão também tem mais matizes porque os estudos sobre a recepção e a prática leitora mostram que os livros que constroem leitores nem sempre se destacam por sua qualidade artística. Ainda sabemos pouco acerca do impacto das obras sobre os leitores, pouco dos filtros que os levam a escolher alguns elementos e a abandonar outros, dos modos de ler que a toda hora colocam a mensagem educativa na atividade do leitor e não nas características do texto. Tudo isso pede atenção à ótica leitora que, evidentemente, não divide os textos em duas pilhas distintas.

A conclusão neste campo, então, assinala a força da independência literária bem entendida, da atenção com a ótica do leitor e a dignidade dos livros instrutivos.



Helen Oxenbury - Alice

3. Quanto à literatura sem adjetivos: a abertura do monte olimpo

Uma vez conquistada certa autonomia com respeito à pedagogia, os livros infantis se consideraram com méritos suficientes para atrair o olhar da crítica literária. Empreenderam, pois, uma luta tenaz para se entender com a palavra “literatura” e não serem considerados simplesmente ficção, narrativa, versificação ou dramatização. Desde o início, os estudos literários se desentenderam com a literatura infantil, considerando-a, numa expressiva metáfora de Lolo Rico, “*castelos de areia frente à verdadeira arquitetura*” (Rico, 1986). O desprezo havia se estendido ao folclore já que, ao final das contas, este não fora criado “para crianças”. E também foram tolerados com certa condescendência os romances juvenis clássicos já que, ao final das contas, remetiam à literatura popular das sociedades modernas. Com isso, cabe a suspeita de que, por décadas a fio, os críticos somente aceitaram de fato suas próprias literaturas infantis.

Em nosso Congresso de 2000, falei precisamente da forma como se foi ganhando essa batalha (Colomer, 2002a), de maneira que não me aprofundarei nisso agora. Cabe apenas recordar que o caminho não foi fácil. Dizia então: “*a partir dos parâmetros do idealismo alemão, a partir da estética simbolista do início do século, do formalismo russo, da estilística francesa e alemã ou da Nova Crítica anglo-americana, que densidade literária se poderia esperar de um texto destinado a leitores tão pouco competentes?*” Na fronteira dos anos 70, tentou-se encontrar uma saída postulando-se que a literatura infantil e juvenil era um gênero literário específico. No fluxo do estruturalismo, teve início, então, uma busca e captura desesperada de marcas de “literariedade” nas obras infantis. Tratava-se de demonstrar que eram da mesma família literária que as dos adultos: iguais, ainda que “específicas”. Por sorte, na década seguinte a teoria literária tinha ampliado seus interesses na direção de considerar o leitor, na direção da literatura como sistema e do circuito literário das obras numa sociedade determinada. Teoria da recepção, teoria de sistemas, pragmática... Já que a literatura infantil se define por seu destinatário, essa ampliação foi essencial. O antigo eixo hierarquizado de valoração literária, com o vértice colocado na máxima tensão literária da onda expansiva de um poema, se converteu num terreno mais variável e articulado, um terreno que, para a crítica da literatura infantil, fundia a análise do texto, a recepção do leitor e a mediação educativa.

A partir dessa história constitutiva, a novidade nesta última década é que os estudos literários sobre literatura infantil intensificaram seu desenvolvimento através de uma rica perspectiva multidisciplinar. Agora

é muito mais frequente encontrar equipes de pesquisa, proliferaram os cursos universitários, abundam sites na internet e revistas de crítica, e ocorrem incessantes encontros acadêmicos ou de divulgação entre todos os setores implicados e na maioria dos países. A crítica da literatura infantil não apenas selecionou e importou todo tipo de instrumento de análise e resultados das outras disciplinas como também começou a desafiá-los com perguntas estimulantes que surgiram precisamente do próprio campo; porque é a possibilidade de formular suas próprias indagações o que define uma perspectiva nova do conhecimento, como a que alcançamos.

A conclusão neste campo, então, é comprovar a força da teoria: com a casa grande dos estudos literários, novas óticas valorativas e uma onda expansiva do conhecimento.

4. Quanto ao debate cultural: a conquista relativa dos meios de comunicação

A demanda neste campo supõe uma prolongação do desejo de reconhecimento anterior; mas em extensão, não em intensidade. Se é incômodo para os autores que escreveram ocasionalmente para crianças, a começar pelo próprio Andersen, que sua fama esteja vinculada a esse produto “menor”, é incômodo para os autores de literatura infantil deixar de receber críticas mais detalhadas e extensas de suas obras, ainda que mais espaço possa implicar em receber críticas menos elogiosas do que agora lhes propiciam as pequenas resenhas publicadas nos meios de comunicação. À medida que ia se desenvolvendo o setor, ia se generalizando a queixa sobre a “invisibilidade” da literatura infantil nos programas culturais, revistas ou promoções.

Diante disso, é necessário sinalizar logo de início que o grau de atenção dos meios de comunicação não é surpreendente. Por um lado, é resultado do espaço que a cultura e a infância recebem na difusão social. Por outro, os profissionais da comunicação não recebem formação sobre livros infantis e as conquistas mencionadas no parágrafo anterior não lhes dizem respeito, de modo que se perpetua aqui a antiga hierarquia de valores culturais.

E, não obstante, essa situação melhorou de maneira notável devido a vários fenômenos recentes. Em primeiro lugar, por causa da pressão do mercado, já que fenômenos editoriais como o do Harry Potter ou a eclosão fantástica do *Crepúsculo* e o renascimento de romantismos sombrios impressionaram os meios de comunicação ao advertirem sobre as dimensões sociais e econômicas desse pequeno objeto cultural que havia

se desenvolvido obstinadamente sob o olhar elitista da cultura. Em segundo lugar, a guinada das editoras na direção dos *best-sellers* adultos e a dos audiovisuais na direção de produtos infantilizados nas sociedades de massa ofereceram um encaixe mais natural da atenção voltada para a literatura infantil. Em terceiro lugar, a democratização causada pelas novas tecnologias impôs uma presença importante de sites na internet, clubes de leitura e debates nas redes sociais sobre o tema. Talvez alguns aspectos desses fenômenos não sejam uma grande notícia para nossa idéia de cultura, mas provavelmente o são para o clamor de que se preste mais atenção aos livros para crianças.

A conclusão neste campo, então, é a de se estar intensificando a força de um pequeno espaço conquistado, ainda que talvez não possamos celebrar todas as suas causas.

5. Quanto às formas de ócio: a teia da animação leitora

Falar de livros infantis é falar das formas através das quais nós, adultos, os levamos às mãos das crianças. Diante do fracasso escolar no que tange o objetivo de formar leitores estáveis, expandiu-se a idéia de que obrigar a ler levava à perda de leitores. O alarma social, portanto, inclinou a balança para o lado da leitura livre. O propósito de desescolarizar a leitura e a convicção de que “*o verbo ler não tem imperativo*” criaram uma nova tensão entre ler obras de qualidade e ler, mesmo que seja qualquer coisa.

Estimular a leitura foi, então, o novo objetivo; não se circunscrevendo, claro, ao espaço exterior, mas invadindo também a escola (Colomer, 2002). Durante a década de 90, os corredores escolares foram percorridos por agentes os mais heterogêneos: profissionais da contação de histórias, carregadores de malas de instituições públicas repletas de livros temporais, integrantes de espetáculos de dramatização, marionetes ou declamadores de poesia contratados para oficinas ou celebrações pontuais, organizadores de clubes de leitura, autores dispostos a comentar seus livros e vendedores de editoras com materiais e listas prontas para tentar os professores já sobrecarregados de trabalho. Ainda que não tenham entrado fisicamente, também começaram a assomar às janelas da escola os numerosos promotores que ofereciam seu apoio virtual através de sites de autores na internet, editoriais ou conselhos de educação, revistas das próprias escolas ou intercâmbios com os leitores de outros centros.

Tanta gente interessada em estender a leitura poderia

dar lugar, efetivamente, a um meio mais rico que nunca em solicitações e imersões na escrita... mas também poderia criar um caos de atividade frenética onde meninos e meninas circulariam com complacência, mesmo sem deixar marca alguma em sua formação de hábitos de leitura. Essa objeção foi tomando força. Passada a euforia da animação, a tensão se resolveu a favor da delimitação de que é responsabilidade específica da escola e precisa de alianças, do planejamento de projetos estáveis e de uma atitude didática renovada, baseada em ajudar ativa e sustentavelmente as crianças a enfrentar textos que mereceriam seu esforço. Isso foi algo a nos lembrar que, para ler, é necessário silêncio, constância e cumplicidade (Colomer, 2002b).

A conclusão neste campo é, portanto, a de apoiar-se na força da boa leitura: a existência de um conhecimento já acumulado, tanto para poder repartir o jogo entre os distintos atores preocupados com a leitura infantil quanto para poder melhorar a aprendizagem escolar da leitura.

6. Quanto às leis do mercado: a maré da mediocridade

A literatura infantil se desenvolveu como produto cultural numa sociedade de consumo, de maneira que seu contexto de produção sofreu poderosas transformações. Para o bem e para o mal. Para a literatura infantil e para todos os demais livros. Por um lado, beneficiamo-nos de uma imensa diversidade de gêneros, títulos e preços dentre os quais escolher, dentre uma vasta gama de traduções de todos os países e da existência de prêmios e possibilidades de profissionalização para os autores. Por outro, sofremos de pautas de produção e venda em massa que dão lugar à descatalogação de bons livros, a uma roda viva que não dá tempo a outros livros para saber se são bons e a uma maior dificuldade para escolher as obras e constituir referentes compartilhados. A tensão se expressa na queixa constante daqueles que atacam as editoras por sua perda de critérios culturais, frente à defesa daqueles que descrevem o funcionamento real do mercado que precisa se constituir como negócio para subsistir.

Tem-se por certo que esta é a batalha mais difícil para a literatura de qualidade. Uma maré de mediocridade dispara a cada ano milhares de títulos novos que ameaçam esterilizar o interesse dos leitores ou fomentar o estereótipo, a moda, o didatismo e os valores mais conservadores. Se for para ler esses livros, talvez seja melhor que as crianças se dediquem a outra coisa. Mas está claro que, se a literatura infantil de qualidade também se beneficia de uma indústria editorial potente,

é absurdo perder tempo reclamando do novo contexto e culpando a indústria multinacional. Melhor é dedicar-se a exercer a responsabilidade de uma nova crítica que permita distinguir o joio do trigo, ainda que o joio venha agora tão bem envolto em edições bem cuidadas e elaboradas estratégias de venda. E é preciso estabelecer circuitos de cumplicidade entre todos os setores para produzir, detectar e promover o fragmento da produção no qual estamos realmente interessados.

A conclusão neste campo se embasa na força da literatura de qualidade, com a possibilidade de aprofundar as cumplicidades que a tornam possível.

7. Quanto à imagem: uma exploração teórica e um pulso a ser mantido

É claro que a imagem faz parte da literatura infantil desde que ela existe como tal, mas agora se encontra enormemente potencializada por sua presença na comunicação social, nas novas possibilidades técnicas, nas estratégias de venda consumista e nas tendências a fusões de códigos da arte atual. A literatura infantil contribuiu, inclusive, com uma forma artística inovadora neste campo: o álbum. Esta conquista provocou o entusiasmo de todos os setores. Realmente, pode-se dizer que nos rendemos de corpo e alma à beleza desses livros, às novas possibilidades abertas à expressão artística e à sua capacidade de fomentar a formação de leitores, por serem livros espetaculares que atraem a atenção, fáceis de ler, sugestivos de interpretações ou adequados para a duração curta das aulas ou o pouco tempo em casa.

Entretanto, nem tudo são vantagens. Os álbuns se inscrevem nos mesmos vieses da produção que mencionávamos em parágrafos anteriores. De tal forma que existem muitos livros capazes de viver simplesmente do impacto consumista, muitos que desequilibram a obra com um texto banal devorado pela imagem e outros tantos que escondem sua falta de elaboração transferindo para o leitor a responsabilidade de dar-lhe sentido.

Tanto deslumbramento visual não pode nos deixar esquecer que em toda interpretação humana, também na das imagens, está implicado o pensamento lingüístico. As relações entre pensamento, linguagem e interpretação visual foram tema central de diversas disciplinas ao longo do século XX. Agora, pressupõem um desafio para entender melhor como funciona a leitura dos álbuns, até que ponto as competências visual e lingüística se desenvolvem em paralelo ou em colaboração, até que ponto o leitor funde a leitura de códigos ou alterna-a

de forma descontínua. Felizmente, muitas publicações recentes mostram que a pesquisa começou essa exploração com entusiasmo (Colomer, Kümmerling-Meibauer, Silva-Díaz, 2010a, 2010b).

E, na prática, vendo muitos álbuns atuais, é necessário recordar que, quando o texto acompanha a imagem, sua potência deve ser capaz de aguentar o pulso para que a fusão ofereça realmente novos níveis de sentido. E cabe destacar que a aprendizagem interpretativa de texto e imagem deve permitir também a existência de caminhos diferenciados de competência nas artes plásticas e na palavra literária. Abre-se aqui um interessante ponto de tensão, uma indagação sobre o efeito dessa leitura infantil com predomínio visual e a capacidade de recepção de relatos literários exclusivamente textuais.

A conclusão neste campo é a de felicitar-se pela força dos novos usos da imagem e a de sustentar o desafio apresentado à palavra.

8. Quanto às novas formas de ficção: uma nova cartada do baralho

Mas as associações de códigos exploram caminhos ainda mais diversos. A ficção se interessa em explorar o efeito da associação e a ambigüidade dos elementos narrativos na percepção da realidade e adota novas formas derivadas das novas tecnologias, com alianças multimodais entre a imagem, a palavra oral e escrita, e a digitalização.

Faz tempo que qualquer obra de êxito estabelece seu itinerário particular de trânsitos entre tipos de comunicação. Pode percorrer os caminhos mais demarcados, como a passagem sucessiva da obra “A Aurora Boreal”, de Philip Pullman pelo teatro, rádio, livro e cinema. Ou pode dar saltos mais súbitos, como os da obra “O Senhor dos Anéis”, de livro a jogo de RPG e daí para o cinema ao longo de três quartos de século. Ou ir mais além quando os livros já nascem irmanados com as telas. Nas transposições entre telas, inaugurou-se agora o salto das séries televisivas para o cinema, ou a intensa confluência de cinema e videogames através da proliferação dos consoles. A interconexão que se consegue com os novos aparelhos ou a participação conjunta através da internet permite que os videogames se transportem do quarto das crianças para a sala de estar, recuperando a prática socializada da tela grande.

Assim é que a aceleração das inovações tecnológicas está marcando uma fusão muito ativa entre as telas, com o rápido desenvolvimento dos móveis como episódio mais recente.

Esses trânsitos implicam uma transposição de características. Se já faz tempo que o cinema e a televisão influem na escrita literária, agora é a migração entre telas que define algumas características de destaque no cinema comercial, como a rapidez, os efeitos especiais, ou a falta de coesão. E pode-se dizer que, em todas as formas de ficção, estendem-se rapidamente a fragmentação de textos, a combinação de elementos ficcionais de sistemas artísticos distintos, a alusão e reutilização de elementos conhecidos, a divulgação de produtos de consumo associados e a interatividade entre obras, autores e leitores através da rede.

A maneira como essas características afetam a literatura infantil e juvenil de qualidade é algo que está em discussão. Simplesmente descrever as mudanças ou diferenças e semelhanças entre ficções não nos leva muito longe. O desafio é conseguir uma experiência ficcional e literária igualmente potente no novo contexto. O que surge de imediato na crítica é um sentimento de perda por causa dos parâmetros estáveis com os quais valoramos as obras. Assim, se pela ótica do mundo literário faz tempo que foi dado o alerta sobre o enfraquecimento do texto, agora é no mundo do cinema que se levantam vozes denunciando a colonização exercida pelos videogames nos vieses da sétima arte. Na mesa de jogo teve início uma nova distribuição de cartas ficcionais e artísticas, e não podemos perder de vista os ases para saber se eles se transformam se multiplicam ou são retirados pelo crupier.

A conclusão neste campo é a de que devemos nos interrogar acerca da força da ficção literária diante da ampliação e diversificação das formas.

9. Um núcleo em tensão permanente

Até aqui, temos este apanhado que pretendia visualizar a força que a literatura infantil de qualidade precisou exercer para abrir clareiras, construir, legitimar e sustentar um núcleo de experiência literária autêntica. Trata-se de uma estranha parcela minoritária condenada a tomar chá com todos, a manter extensas, variadas e intensas relações com todos os campos destacados e a superar o desafio de não se dissolver em nenhum deles. Neste fragmento exato da produção, recepção e mediação, todos os aqui presentes estão sem dúvida interessados. Mas, para zelar por sua melhora e continuidade, contamos agora com uma vantagem que, a princípio, não tínhamos. Cada um dos setores profissionais implicados nesta precisa encruzilhada levou a cabo um dilatado esforço contra algumas das suas forças centrífugas. Hoje possuímos mais e melhores livros que nunca, e esses livros chegam a mais crianças, e a contextos mais variados, que em toda a

história da humanidade. Assim, adquirimos uma certeza que nos dá força: sabemos como fazer.

Teresa Colomer

Universidade Autônoma de Barcelona.



Livros de Teresa Colomer

Nota do editor:

O termo álbum usado no texto não possui tradução para a língua portuguesa. O significado assemelha-se a definição que damos para os livros infantis.

Referências Bibliográficas

Bettelheim, B; K.Zelan (1981): *On Learning to Read. The Child's Fascination with Meaning*. New York:Knopf (Trad.cast. *Aprender a leer*. Barcelona:Crítica, 1982)

Chartier, A.M.; J.Hébrard (1990): *Discours sur la lecture (1880-1980)*. Paris:BPI-Centre Georges Pompidou (Trad.cast.:*Discursos sobre la lectura (1880-1980)*. Barcelona:Gedisa, 1994).

Colomer, T. (2002a): "Nueva crítica para el nuevo siglo" CLIJ. *Cuadernos de Literatura infantil y juvenil* 145, 7-17. Disponible en línea. www.gretel.cat, apartado "Documentos".

Colomer, T. (2002b): "El papel de la mediación en la formación de lectores". T.Colomer, E.Ferreiro, F.Garrido: *Lecturas sobre lecturas*. México:Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 9-29. Disponible en línea: www.gretel.cat, apartado "Documentos".

Colomer, T. (2003) "La escuela y la promoción de la lectura" I Encuentro de Promotores de lectura, XVII Feria Internacional del Libro de Guadalajara. Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, CERLALC, Universidad de Guadalajara (Jalisco) Guadalajara (México) Disponible en línea en su versión en CLIJ "Quién promociona la lectura": www.gretel.cat, apartado "Documentos".

Colomer, T.; B.Kümmerling-Meibauer, M.C.Silva-Díaz (coords.) (2010b): *Cruce de miradas: Nuevas aproximaciones al libro-álbum*. Barcelona: Banco del Libro-Gretel.

Colomer, T.; B.Kümmerling-Meibauer, M.C.Silva-Díaz (ed.) (2010a): *New Directions in Picturebook Research*. NY-London: Routledge.

Lurie, A. (1990): *Don't Tell the Grown-Ups. Subversive Children's Literature*. London, Bloomsbury. (trad.castellana: *No se lo cuentes a los mayores. Literatura infantil, espacio subversivo*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998)

Merino, J.M. (1997): "León Tolstoi: La novela de un matrimonio". Revista de Libros nº 6, p.50.

Montes, G. (2001): *El corral de la infancia*. México: Fondo de Cultura Económica. 2ª ed.

Rico de Alba, L. (1986): *Castillos de arena. Ensayo sobre literatura infantil*. Madrid: Alhambra.



Teresa Colomer possui Licenciatura em Espanhol e Catalão e doutora em Educação. É professora titular do Departamento de Didática de Línguas e Literatura da Universidade Autônoma de Barcelona. Em 1990, recebeu o Prêmio de *Pedagogia Rosa Sensat* pela obra escrita em parceria com Anna Camps, *Ensinar a ler, ensinar a compreender*.

Os livros *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual e Andar entre livros: a leitura literária na escola*, de Teresa Colomer, tradução de Laura Sandroni, da Editora Global, encontram-se disponíveis na Biblioteca FNLIJ.

Criadora e coordenadora do primeiro curso de pós-graduação na área de Bibliotecas Escolares na Espanha. O curso *Máster de Livros de Literatura Infantil e Juvenil à distância*, dirigido por Teresa Colomer, está na quinta edição e é organizado pela Universidade Autônoma de Barcelona, Banco del Libro, Fundação SM e Gretel. As pré-inscrições acontecem entre os dias 14 de fevereiro e 31 de março de 2011.

**Mais informações nos sites: www.literatura.gretel.cat e www.bancodellibro.org.ve.
Ou através do email: master.lij@uab.cat**



Teresa Colomer

**Reflexões sobre
leitura e LIJ –
Fascículo nº 41**

Parte integrante do
Notícias 3/2011

**Fundação Nacional
do Livro Infantil e
Juvenil - FNLIJ**

Responsável:
Elizabeth D'Angelo
Serra

Tradução: Ricardo
Silveira

Fotolitos e impressão:
PwC

